

CEDI - P. I. B.  
DATA 06/05/82  
COD. ARD61

# Chegada dos Araras emocionou altamirenses

Memélia Moreira,  
especial para o JBr

"Nek'tek?" — Com essa pergunta, Wauwaka, um jovem índio Arara tentou quebrar o temor da pequena multidão que fugia ao perceber que um índio se aproximava. Na porta da garagem da Funai, em Altamira (PA), cerca de 100 pessoas disputavam lugar para ver o grupo de 17 Arara que pela primeira vez chegava à cidade depois de um século de hostilidades entre brancos e índios. Wauwaka, com sua pergunta, queria apenas saber "quem é você"? E seu primeiro interlocutor, um peão que trabalhou na abertura da Transamazônica não teve medo e fez seu discurso: "Graças a Deus vocês estão aqui. Graças a Deus não brigamos mais", dizia o peão.

Formal em seus gestos, Wauwaka colocava seus dois braços sobre os ombros dos brancos que tinham coragem de se aproximar e repetia a mesma pergunta: "nek tek?". Aos poucos os altamirenses perceberam que, enfim, os Araras estavam "pacificados". O gelo se quebrou e houve choro entre os brancos. Itelvino, um altamirense, chorava com seu filho no colo. "Vou buscar meus outros filhos, quero que eles vejam vocês", dizia ele. Outros perguntavam se aquelas pessoas, homens e mulheres, permaneceriam nus mesmo circulando na cidade.

Foi assim o primeiro encontro entre os Arara e a população de Altamira, às 18:30 horas da última quinta-feira, dia 11 de fevereiro. Os Arara, grupo Karib que sempre viveu no baixo Xingu, contatados em fevereiro do ano passado, queriam conhecer "a casa dos brancos". Durante um ano eles insistiram com o sertanista Sydney Possuelo responsável pelo contato. Queriam ver de perto as casas habitadas por aquelas pessoas que se cobrem de panos e não se sentam no chão para comer. O desejo foi satisfeito, embora o sertanista saiba que índios recentemente contatados correm risco de contrair doenças típicas dos ocidentais, como o sarampo, a tuberculose, a gripe. Doenças que podem matá-los em pouco tempo.

## VIAGEM

Embora sabendo deste perigo, Possuelo satisfaz a vontade desses índios. O encontro foi marcado para o dia 10 de fevereiro. Nesse dia, os Arara chegariam ao posto de atração da Funai na altura do quilômetro 120 da Transamazônica para embarcar nos jeeps em direção à cidade. Eles não chegaram na hora marcada por volta das 10 da manhã e ninguém os esperava mais. Às cinco da tarde, um longo grito dado por todo o grupo foi ouvido. Eles chegaram e aguardavam que alguém fosse à beira da floresta para trazê-los até o posto

da Funai.

Depois dos risos, eles comeram, tentavam se explicar por gestos e foram dormir esperando a hora da saída para Altamira. Pela Transamazônica, a estrada que em 1970 cortou o território dos Arara, dividindo o grupo em dois (o grupo do Pentecal, ao sul da estrada, e o grupo de Jauracu, ao norte da Transamazônica), eles começaram a grande aventura: a visita à cidade que tanta curiosidade lhes desperta.

Foram três horas e meia para percorrer os 120 quilômetros que separam a cidade da aldeia. Os incômodos de uma estrada lamacenta não afetavam a disposição dos índios. Rindo o tempo todo, eles se excitavam diante da perspectiva de chegar ao mundo das pessoas que lhes provocam risos porque usam relógio (Watami, uma mulher arara, viu baixinho quando lhe foi explicado para que servia o relógio). Às 18:30 eles chegaram a Altamira. O dia começava a escurecer e as pessoas cercaram, fugiram e depois se aproximaram dos índios.

"Quem são eles?", perguntou um rapaz. "São os Arara", foi a resposta. "Eles já estão mansos?", indagou outro, não acreditando que aqueles índios que desde 1853 são temidos no baixo Xingu pudessem se comportar de forma tão educada, cumprimentando todos. E os mais velhos choravam ao ver que seus antigos inimigos estavam na cidade. Itelvino continuava seu choro, mas ele não era o único.

## CONSCIENTIZAÇÃO

Além de Itelvino, nascido e criado em Altamira, educado no temor aos "selvagens" Arara, outra pessoa, muitas pessoas, choravam, Sydney Possuelo, um sertanista de 41 anos, experiente funcionário da Funai tentava esconder sua emoção. Afinal de contas, aquela curiosidade da população de Altamira fora despertada por ele. Durante dois anos, Possuelo não só tentava entrar em contato com os Arara como também explicava à população local que os índios são "gente", têm direito à terra e são diferentes apenas nos hábitos e tradições.

A campanha em favor dos Arara foi feita através de rádio, programas de televisão, palestras nos sindicatos rurais. Sydney Possuelo, que participou da atração dos Krena-Karore, e atraiu os Maiá do Solimões e os Guajá do rio Turiaçu, no Maranhão, também chorava porque os Arara, embora tenham provocado a fuga de alguns brancos, eram recebidos com carinho por uma civilização que despreza os índios, que os mata como se fosse caça. Desabafando, ele disse, "pena que os antropólogos não vão entender isso. Não me criticar porque eu trouxe os índios para a cidade. Mas como impedir que esse pessoal venha até aqui? Só se eu amarrar um por um". Mas diante da reação dos brancos, Sydney tinha uma compensação.

Ele se lembrou de Uirá, um índio Urubu-Kaapor que na década de trinta, em procura de Deus, chegou a um povoado maranhense e foi aprisionado, torturado. "Toti (o cacique dos Arara) foi recebido com carinho", disse ele, mesmo reconhecendo que "melhor seria se não houvesse necessidade de trazer os índios para o nosso convívio".

## Urgência para a demarcação

Embora satisfeito com essa primeira fase (contato e conscientização), Possuelo diz que sua tarefa não está encerrada. Agora ele pretende trabalhar para que o território dos Arara seja demarcado com urgência, "ou pelo menos delimitado", afirma frentes de atração, quando os índios contatados morriam com a primeira gripe, quer ainda desenvolver uma campanha sanitária contra as doenças ocidentais. Mas a vacinação do grupo depende principalmente da comunicação. Por enquanto não há meios de falar com eles, a não ser por gestos. É difícil lhes explicar o valor da picada de uma agulha, através da mimica.

Mas os Arara já conhecem a gripe. Sydney Possuelo chamou atenção para o fato de que o grupo indígena recentemente contatado apresenta uma característica de quem sofreu epidemia: não há nenhum Arara entre oito e 14 anos. Isso significa que houve mortes, provavelmente causada por um surto de doença.

Enquanto a vacinação preventiva não pode ser aplicada, Possuelo toma alguns cuidados, entre eles o de evitar que se misturem os utensílios usados pelos índios e pelos brancos, além de manter todos os funcionários da frente de

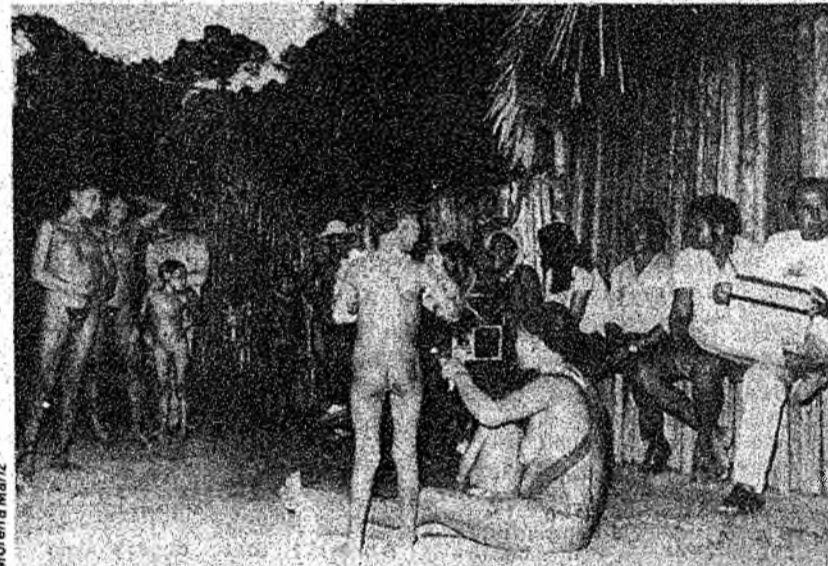
atração com boa ficha de saúde. Qualquer doença agora poderia não apenas matar boa parte dos Arara como também despertar a desconfiança do grupo em relação aos responsáveis pela atração. Toti, Timin, Wapori e Kapô (esse último foi quem mais resistiu aos brancos), os quatro líderes Arara, não entenderiam as mortes e poderiam se revoltar contra o sertanista e seus assistentes.

Ontem, depois de duas noites passadas em Altamira, os Arara voltaram para suas aldeias. Alguns deles receberam camisas e calças de presente dos brancos que não se conformam em vê-los tão livres. Kapô, o resistente cacique, não foi à cidade. No dia da viagem nasceu uma criança. E a primeira que nasce depois do contato.

O nascimento da criança demonstra que os Arara continuam em fase de crescimento e por essa razão Possuelo afirma que "o mais importante agora é garantir a terra desses índios, tão disputadas pelos posseiros que são expulsos de outras áreas e por órgãos poderosos como o INCRA ou a Cotrijui (Companhia Tritícola de Ijuí), empresa que em 1974 recebeu do ministro Cirne Lima a concessão de 396.150 hectares em pleno território indígena. Não é fácil defendê-los. Apenas começamos", conclui.



Os Araras chegam desconfiados para o contato com a população...



Mas a receptividade dos altamirenses provoca a integração

## Cacique deposto quer voltar a liderar tribo

Palmeiras dos Índios — AL — O cacique Manuel Celestino, deposto há dois anos do comando da tribo Xucurus-Cariri, de Palmeiras dos Índios — a cento e trinta e oito quilômetros de Maceió —, reuniu ontem pelo menos um terço dos índios na fazenda Cantos e prometeu lutar pelo controle da outra reserva indígena da cidade, a fazenda Cacurna, atualmente dominada pelos seguidores do cacique Aristides Ferreira. Celestino, chefe da corrente mais primitiva da tribo, acusa os adversários de terem introduzido, no terreiro sagrado, rituais estranhos aos Xucurus-Cariri.

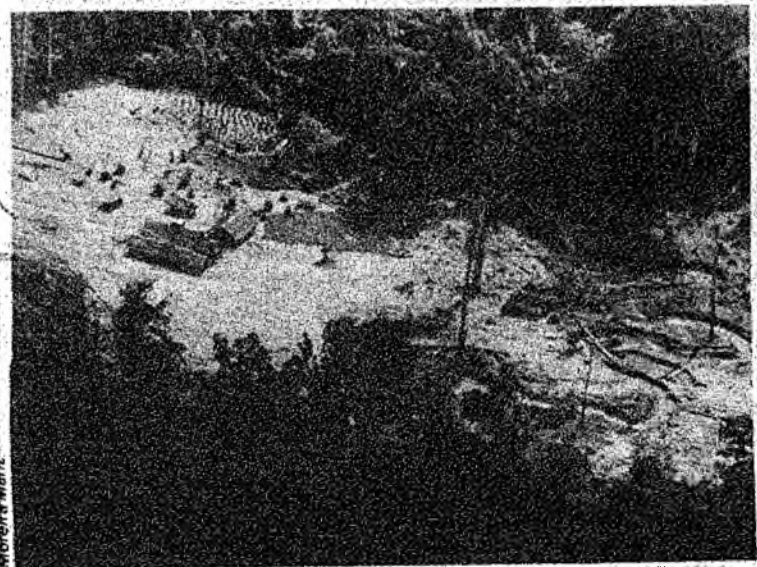
Apesar da mediação da Funai e da Polícia Federal, as duas facções dos Xucurus-Cariri continuam se acusando mutuamente, depois de uma semana de conflitos armados quando cinco índios ficaram feridos e uma chopana foi incendiada. Celestino disse a Aristides Ferreira e seu filho Paulo Jorge — chefe do conselho tribal — além de terem negociado terra do conselho indígena são seguidores da Umbanda e "outras práticas diabólicas". Ele se considera o único chefe dos índios da cidade e afirma ter poderes dados por Deus.

Paulo Jorge Ferreira desmente todas as acusações de Manuel Celestino e afirma que o cacique deposto é desonesto desde a década de 40 quando vendia fotografias em Palmeiras dos Índios. Segundo o presidente do conselho tribal, Celestino começou a agir desonestamente assim que assumiu o poder.

A acusação mais grave entretanto foi feita pela Polícia Federal. Paulo Jorge e Celestino estiveram presos na delegacia de Palmeiras dos Índios. Celestino, segundo Jorge, derrubou a sua casa e incendiou a fazenda Cafurna, resultando nas agressões que deixaram os cinco feridos, dois dos quais em estado grave.

Celestino não nega a autoria do atentado mas diz que o incêndio da chopana foi decidido coletivamente por seus liderados.

Ontem os índios envolvidos no conflito continuaram prestando depoimentos à Polícia Federal. Foram ouvidos o cacique Aristides, o pajé José Celestino e examinada a fita cassete de Manoel Celestino. A polícia também está de posse de vários documentos Xucurus, entre os quais a ata da reunião do conselho tribal que em 1980 destituiu de suas funções o cacique Manuel.



Demarcar as terras dos Araras é a preocupação da Funai